

## *Entrevista com Roger Bastide*

---

Realizada em São Paulo, a 18/8/1973

por IRENE CARDOSO

I — Em que ano o senhor veio para o Brasil: 37, 38?

RB — Foi em 38, no mês de março de 38. Eu me lembro muito bem porquê eu cheguei aqui, no Rio, de navio, fiz uma parada no Rio, era dia de Carnaval. Então, era em março.

I — Quando o senhor chegou, como é que os objetivos da Faculdade de Filosofia estavam sendo colocados?

RB — Eram muito criticados na época...

I — Criticados por quem?

RB — Criticados, não sei dizer ao certo por quem, porque isso é a história política do Brasil. As críticas não eram contra os professores estrangeiros, não era racismo, nacionalismo, mas eram contra a obra de Mesquita e de Armando Salles, a obra de um partido político. E outro partido político criticava, com muita força a Faculdade. Acho que é tudo uma... não me interessava isso, eu fui chamado, com um contrato... O que era interessante é que dentro do contrato se colocava que eu não devia fazer política nem propaganda religiosa aqui no Brasil. E por isso não me interessei por política no Brasil. E deixei de lado esta polêmica, até não lendo mesmo jornais. Mas agora não me lembro. Só, talvez, ainda o filho do Mesquita, aqui no *O Estado de S. Paulo*, possa dar notícias. Há toda uma parte política, que deve ser muito interessante estudar. Não posso dar dados à senhora, porque não quis entrar nesta discussão. Era professor, fiz meu trabalho de professor, o melhor que foi possível.

I — Certo. Gostaria de saber uma coisa: quando o projeto da Universidade foi elaborado, o objetivo fundamental dela era a cria-

ção de novas elites políticas para o país, na medida em que o grupo de *O Estado* achava que, com a crise oligárquica, as elites estavam esclerosadas. Eu queria saber se na época em que o senhor chegou, isso ainda era de alguma forma colocado como objetivo da Faculdade.

RB — Eu penso que o ponto de partida era que aqui existia uma formação de técnicos — médicos, engenheiros — e não existia uma faculdade de pensamento e crítica, de humanismo, se assim se pode dizer. Não para dar novos postos, novas situações profissionais, mas para desenvolver um espírito diferente, que existia na Europa, mas que não existia ainda no Brasil. Eu penso que é isso. Porque houve a influência norte-americana; assim se fez o Mackenzie. Sempre para formar os técnicos do progresso econômico e social do Brasil. Também no Segundo Império se fez a Faculdade de Direito e Faculdade de Medicina (*sic*). Era sempre o prático. Era uma Faculdade mais humana, a de Filosofia. Eu acho que foi o ponto de partida. O segundo ponto de partida foi a idéia, que me parecia boa, de que o ensino médio no Brasil não era bom e que era preciso formar melhor os professores do secundário. E a Faculdade de Filosofia era, mais ou menos, do ponto de vista profissional, como uma escola normal, superior. Existia já uma Escola Normal, que era muito boa, mas se desejava dar melhores professores ao ensino secundário. E deste ponto de vista, acho que foi muito útil a Faculdade. A minha filha, eu a fiz estudar aqui. Achava uma diferença muito grande, no ensino secundário, quando havia lecionando, no ginásio, professor saído da Faculdade de Filosofia. Os antigos professores estavam sempre pedindo memória: “Quando morreu tal?”, “qual é a época da guerra entre Paraguai, Uruguai, Brasil?” e assim por diante: “Quem foi o maior general?”, nome de batalha... E depois eu vi serem feitas a ela (agora eu não me lembro as questões) questões de inteligência, sobre a História, que fizeram a minha filha ser capaz de refletir um pouco sobre a História, de ver as causas dos acontecimentos, os efeitos, e não só os dados de fato. Eu achei isso muito bom. Infelizmente, na época, havia ainda muito poucos ginásios do estado, e todo o ensino particular, menos, talvez, o católico, não era bom, porque os professores de História, Geografia, e assim por diante, eram advogados sem dinheiro, e na parte de Biologia, Química e tudo isso, eram médicos sem clientes. Não sei se continua assim...

I — Não, eu acho que melhorou um pouco. Bom, outra coisa que me interessaria saber é se na época em que o senhor chegou, a

pressão das Faculdades Politécnica, Medicina e Direito (as antigas Faculdades que foram incorporadas à Universidade de São Paulo, quando da sua criação) sobre a Faculdade de Filosofia ainda continuava?

RB — Continuava, mas eu...

I — É como o senhor interpretou o problema?

RB — ... não me interessei pelo problema.

I — Não?

RB — Não, como eu disse, era funcionário do governo paulista, eu sou muito honesto, eu quis fazer meu dever de funcionário, e não me interessava saber se... eu fiz o melhor possível. O problema para mim, eu acho que para todos os professores estrangeiros, era esse; seria possível para nós fazer propaganda cultural para nosso país, como estrangeiros, mas o problema era, por isso que eu gosto do Brasil, estudar o Brasil para ver o que é o Brasil — o que faltava, qual era a melhor indicação possível a dar, e principalmente falar em brasileiro, e não em paulista, mas em brasileiro em lugar de pensar em francês ou alemão.

I — Uma outra coisa que eu tenho interesse em saber, já que o senhor chegou em 38 aqui, é alguma coisa sobre a crise que atingiu a Faculdade de Filosofia em 38, e que a ameaçou de extinção. Nessa época foi extinto o Instituto de Educação. Como é que o senhor viu isso? (interventoria de Ademar de Barros em São Paulo).

RB — Essa crise eu não vi. Fechei os olhos.

I — Mas nem depois o senhor pensou sobre isso?

RB — Não. Mesquita me convidava para ir à sua fazenda, e falava, falava da crise. Isso não me interessava. Se acontecesse da Faculdade morrer, desaparecer, eu ia para a França; não tinha importância. Mas o que talvez tenha salvo a Faculdade da crise foi a gentileza brasileira, mesmo das pessoas que criticavam a Faculdade. Porque em 39, 40, começou a guerra e era impossível para os italianos, franceses, saírem do Brasil. Tudo estava cortado, não se encontrava mais navio, avião, nada; não era possível sair. O Brasil foi gentil, e não quis jogar na rua os professores. E continuaram os contratos, a cada três anos continuava o contrato, para nos permitir ficar aqui, ganhar um pouco de dinheiro e viver. E talvez isso tenha salvo a Faculdade. Quanto à crise, eu me lembro das críticas nos jornais, mas agora não me lembro muito mais. Mas houve um conflito quando tentou-se colocar, aqui na Faculdade, um diretor não eleito pela Congregação de professores, mas imposto pelo governo da época, para impedir a Faculdade de fazer qualquer coisa que não

fosse do desejo do governo; foi um controle da Faculdade pelo governo. Mas como eu estava sempre fazendo o meu ensino e acho que os meus colegas também, e o meu ensino não era ideológico, não era político, o governo não tinha nada a dizer. Mas num dado momento, me pediram para sair da cadeira de Sociologia para fazer, não me lembro, História Social, acho, História das Idéias Sociais. Não aceitei, não aceitei porque... não me lembro o nome do diretor... um católico.

I — Foi o Diretor da Faculdade que impôs?

RB — Ele quis fazer uma reforma da Faculdade, desenvolver mais — porque era muito católico, gostava muito de teologia — a filosofia, dar mais lugar à filosofia enquanto teoria, que à ciência. Ele pensava que a ciência...

FF — Era aquele professor da Faculdade de Direito que é famoso...

I — Jorge Americano?

FF — Não, não... aquele que dava Direito Romano... (Alexandre Corrêa).

RB — É ele mesmo.

RB — Eu achava que a ciência era mais importante para o Brasil. Era preciso conhecer o meio. Porque para realizar o progresso do Brasil não se precisava só de idéias, mas era preciso conhecer a realidade, porque as idéias são, segundo eu vejo, utópicas, não podem... Era necessário, em primeiro lugar, fazer um levantamento sociológico da realidade brasileira. Eu disse isso a ele. Foi o único momento em que eu tive dificuldades na Faculdade. Em segundo lugar, pediu-se a nós (nós éramos gaullistas durante a guerra, mas o governo de Getúlio Vargas estava na época mais perto da Alemanha e da Itália fascista) para não mostrar que éramos gaullistas. Dizia: "Os senhores não são franceses ou italianos, são funcionários paulistas e não se deve fazer... O senhor pode ser gaullista de coração, pode dar dinheiro para a 'França Livre' — que assim se chamava na época — mas não pode falar, não pode escrever artigos sobre isso". Até que o Brasil entrou na guerra. Aí então imediatamente fui fazer conferências no norte do Brasil, na Bahia, não me lembro mais onde, sobre De Gaulle. Mas só na época do fim da guerra.

I — Quer dizer que o senhor acha que essa crise de 38, da Faculdade, teria uma relação direta com o golpe de 37?

RB — Bom, eu não me lembro bem. Não sei se houve em 38 uma crise mais forte... Foi sempre crise...



I — Foi a primeira grande crise, não é?

RB — O que eu soube é que eu tomei o lugar de Lévi-Strauss. E eu aceitei — aceitei depois de muito... tempo. Fiquei um mês pensando antes de aceitar — porque os franceses nessa época não gostavam muito de mudar de país, e ele gostava de estar no Brasil — aceitei depois de falar com Lévi-Strauss. Lévi-Strauss não me disse nada. Eu soube depois que foram feitas duas críticas a Lévi-Strauss. A primeira é que ele era da Frente Popular, na França e que ele teria feito aqui, um artigo ou dois, em favor do movimento da Frente Popular. E Mesquita achava que a Frente Popular era comunista, porque tinha ligações com socialistas e comunistas. Lévi-Strauss não era comunista, era socialista. Mas era de esquerda. E Mesquita mesmo bem liberal, era de direita. Em segundo lugar, Lévi-Strauss veio aqui para fazer uma pesquisa entre os índios e no último ano ele deixou seus alunos para ir ao Mato Grosso, à Amazônia e assim por diante. Foi feita uma crítica na época, dizendo que se pedia ao professor francês para vir trabalhar para os estudantes e não para fazer pesquisas pessoais. No contrato que eu fui obrigado a assinar estava escrito isso: "Não vai fazer estudos pessoais ou só durante as férias; trabalhar só para os estudantes; não pode deixar a Faculdade". Talvez tenha sido essa a crise de 38, ou uma parte da crise de 38. Eu só sei que, como eu disse à senhora, eu não fiz nada para conhecer o que se passava nos bastidores, era funcionário, fiz meu trabalho de funcionário, sem entrar na política brasileira. Bom, eu tive minhas idéias, mas estavam lá escondidas dentro de mim.

I — Como foi o seu trabalho na Faculdade...

RB — Mesquita me disse o que eu deveria fazer... Mas a guerra fez muitas mudanças. Ele me disse: "O senhor deve ficar aqui... muito tempo, porque o dever do senhor é não só formar estudantes, mas também formar um outro professor brasileiro, paulista, para tomar o seu lugar." Mas como não havia ainda uma educação humanista, isso duraria para algumas cadeiras, pouco tempo, para outras cadeiras, muito mais tempo. Na Filosofia, por exemplo, talvez muito mais tempo que nas ciências exatas. A guerra mudou, porque fomos obrigados a ficar mais de três (anos)... Mas Mesquita pensava, seis, dois contratos, no começo, de três anos cada um, para a Sociologia. Necessidade de seis anos para formar um assistente. Mas com a guerra, formei uma assistente que foi Lavinia Vilela. Depois o...

FF — O Mário Wagner.

RB — Mário Wagner. Com a guerra encerrada, como ele desejava ter uma cadeira foi para outra Faculdade...

FF — ... Lucila Herrmann...

RB — ... e assim por diante.

FF — ... Gioconda Mussolini e Gilda de Mello e Souza. A gente fez uma porção de gente. Eu próprio.

RB — O Florestan foi o último. E aqui fui obrigado a ficar um pouco mais tempo. Porque ele não tinha ainda o doutoramento.

FF — Isso foi em fins de 53, não é?

RB — Pensava em sair em 51, porque em 51 obtive um lugar na Escola da França. Mas Florestan não era ainda doutor, não podia tomar meu lugar. Eu fiz assim: passava seis meses na França, seis meses aqui e depois que ele se tornou doutor, eu saí...

FF — Eu fiz o doutorado e fiz a livre-docência, aí é que o professor Bastide se foi.

RB — ... Muito feliz, porque... bom, depois eu conto, outra estória...

I — Bom, eu queria insistir um pouco naquilo que o senhor falou, no início da entrevista. O senhor me falou que a Universidade representava um partido político e que as pessoas que atacavam a Universidade seriam de outros partidos políticos. Queria saber se esta era uma idéia corrente na época; se era uma idéia dos Mesquitas; quais eram esses partidos políticos que estavam contra a Universidade de São Paulo?

RB — Não me recordo muito bem.

I — O senhor me falou...

FF — Quando ele fala partidos, ele está falando correntes de opinião.

I — Pois é... então, eu queria que ele identificasse quais seriam essas correntes de opinião.

RB — Quem estava fazendo críticas?

I — É.

RB — Quem estava fazendo críticas eram, em primeiro lugar, os católicos. Porque eles achavam que os professores franceses eram marxistas, eram de esquerda, estavam desenvolvendo o espírito crítico, e o espírito crítico era perigoso. Eles desejavam — aquele professor de Direito Romano — que os professores dessem o dogmático, dizendo: "a verdade é isso, isso, e isso", em vez de desenvolver o espírito crítico dos alunos. Em segundo lugar se encontravam as antigas escolas: Politécnica, por exemplo, dizendo que o Brasil não precisava de humanismo, precisava de uma classe de tecnocratas, de gente conhecendo as técnicas para o progresso econômico do Brasil. Essa é a segunda crítica, me parece. E em terceiro se encontravam

— por isso você não pode fazer a sua tese sem pensar a política do Brasil — os integralistas. Foi um período onde a direita era muito forte aqui no Brasil... E houve o nacionalismo, o nacionalismo brasileiro, dizendo que havia no Brasil professores capazes de dar aulas na Faculdade; de desenvolver essas ciências novas, Sociologia, Psicologia, que não se ensinavam antigamente — e que não era preciso professores franceses. Até mesmo Mário de Andrade, eu me lembro de um artigo dele dizendo que eu era o único que podia ficar; que os outros... Mário falava, porque eu estudei o Brasil, eu e o Monbeig, e que os outros...

I — O Mário de Andrade escreveu um artigo assim?

RB — Mário de Andrade escreveu um artigo assim.

I — Por isso é que ele não era muito benquisto pelo pessoal da Universidade...

RB — Mário de Andrade não era fascista, não era integralista, mas era muito nacionalista. Ele até não quis sair do Brasil para ir à França. Logo depois da guerra foi oferecida a ele uma bolsa, do governo francês, porque ele era considerado como o grande poeta aqui de São Paulo. Mas ele não quis, porque ele gostava muito de São Paulo.

I — E como é que os Mesquitas viram a incidência de professores de esquerda dentro da Universidade?

RB — O nacionalismo existiu em toda parte, existiu no Brasil e continua existindo. Há uma propaganda intensa, veja: "ame o Brasil", "trabalhe para o Brasil". Desenvolve-se um espírito de provincianismo — tudo que é brasileiro é bom, o que é de fora do Brasil não é bom. Talvez seja uma compensação porque os capitais são estrangeiros.

I — Certo, mas como é que os Mesquitas viram essa incidência de professores de esquerda dentro da Universidade, porque...

RB — Como a Faculdade era obra de Mesquita, e como Mesquita era muito criticado — ele fazia uma simbiose entre a Faculdade e ele —, toda crítica à Faculdade, mesmo se essa era do ponto de vista da direita, que era o seu, era uma crítica contra ele, e como ele era muito cabeçudo...

I — Porque a incidência de professores de esquerda dentro da Universidade deve ter sido exatamente o oposto do que Mesquita imaginava, do que era o seu projeto inicial. Com toda a crítica contra a esquerda que ele fazia, em fins da década de 20, começo de 30, ver de repente que a Universidade começava a se desenvolver tendo em seu núcleo professores de esquerda...

RB — Como eu disse à senhora, tudo isso, que agora me lembro, falando com a senhora, não me interessava... O que me interessava era fazer o meu dever. Eu fiquei, acho, um pouco como o funcionário que tem um dever. Nos contratos estava colocado o que devia fazer na Faculdade e era isso só o que me interessava: desenvolver a Sociologia, em primeiro lugar, porque era professor de Sociologia; em segundo lugar desenvolver na Sociologia, como dizer, o espírito de uma Sociologia brasileira. Muitas vezes conversamos sobre isso. No começo pedi muitas pesquisas empíricas, porque aqui as pessoas gostavam de uma sociologia impressionista, uma sociologia muito bonita, muito linda, mas fora da realidade. Eu pedi muitos estudos de Sociologia empírica aos alunos. Mas depois, quando uma Sociologia brasileira apareceu, eu pedi para fazer teoria. Dizendo que se deveria tirar da realidade uma teoria brasileira, e não impor aos fatos brasileiros uma Sociologia nascida na América do Norte ou na Europa — o funcionalismo, o marxismo... Não que não se pudesse encontrar depois uma convergência, mas se devia partir das realidades brasileiras. Foi isso, eu acho, o assunto principal das nossas conversações.

I — Bom, voltando à questão da crise...

RB — O que salvou, talvez, a Faculdade da crise — essa, eu acho que foi a única idéia importante que eu disse à senhora — foi a gentileza do brasileiro. A França e a Itália, todos países estavam em guerra, e não era possível para um brasileiro, que tem sempre bom coração, mesmo se era contra a Faculdade, jogar na rua os professores franceses. Houve um esforço para orientar os professores estrangeiros, para canalizar seus esforços, talvez para mudar seus pensamentos, mas não se fez nada contra eles, nada, nada. Eu me encontrava, me lembro bem, com Ademar de Barros, e antes de Ademar de Barros, eu não me lembro agora o nome, me encontrava de vez em quando com o outro governador, mas esta gente era brasileira, salvou a Faculdade.

I — Da crise...

RB — Se não tivesse havido a guerra, talvez a Faculdade tivesse desaparecido, na crise interna da política brasileira. Acho que esse é o fato que talvez a senhora possa utilizar na sua pesquisa...

I — Eu estava interessada em saber mais sobre os bastidores da política. Mas se o senhor diz que exatamente sobre isso não estava muito por dentro...

RB — Eu respeitava as regras do jogo; também o professor de literatura francesa. Não fizemos política, não fizemos religião. Nem



propaganda. Aceitamos e formamos assistentes para tomar nosso lugar. Não era possível fazer uma crítica aos professores franceses. Mesmo os italianos, que eram muito fascistas, tiveram sempre uma objetividade muito grande na Faculdade. Eu me lembro, a Itália em guerra com a França, mas as relações entre os professores italianos, que eram fascistas, e os professores franceses eram boas. Não posso dizer que tínhamos muita amizade, mas as relações eram de cortesia...

I — E aquela cláusula no contrato da Faculdade, a que o senhor se referiu, de não fazer política, de não externar opiniões políticas? Isso constava dos contratos, já da primeira missão (1934)?

RB — Ah, isso eu não posso dizer porque não sei... Talvez Paul Arbousse-Bastide saiba. A senhora não o interrogou?

I — Ainda não...

RB — Arbousse-Bastide deseja vir ao Brasil. Talvez no próximo ano, caso sua mulher esteja melhor de saúde. Ele virá passar uns três meses aqui. Ele foi o primeiro... Era na época o chefe da...

I — Primeira missão.

RB — Delegação... Doutor Dumas desejava um responsável para o pequeno grupo de professores franceses. Houve também, mas isso é outra história, muita briga entre os franceses. Por exemplo, em 36, 34, não sei... Quando começou a Faculdade?

I — Em 34.

RB — Entre 34 e 38, houve muita briga entre os franceses. Contra Arbousse. Porque não desejavam um chefe. Francês não gosta de chefe. Quando chegou a segunda turma, em 38, Arbousse não era mais chefe. Mas como chefe da primeira turma, ele conhece muito melhor que eu a questão.

I — O grande contato, lá na França, foi Dumas?

RB — Foi o doutor Dumas.

I — Ele já tinha relações com o Júlio Mesquita?

RB — Muito grande. Não sei qual foi o ponto de partida, mas o doutor Dumas já tinha vindo ao Brasil e gostado muito. Foi à Argentina também. Para a América do Sul. Ele gostou muito do Brasil. Fez muita amizade com os brasileiros e ele era considerado na França um pouco como o embaixador da cultura brasileira. E quando se desejava, na França, ter contato com escritores, pintores ou universitários brasileiros, o governo francês sempre o fazia através do doutor Dumas.

I — Parece que ele tinha alguma relação com a criação do Liceu Franco-Brasileiro aqui em São Paulo, que foi um liceu, uma escola secundária criada com a participação dos Mesquitas.

RB — Bom, preciso pedir ao Mesquita Neto para mandar a senhora à França.

I — Seria ótimo...

RB — O doutor Dumas era protestante, não, não, de origem protestante. Havia no grupo, que veio para um país católico, mais protestantes que católicos. Bonzon era protestante, Gagè era católico mas casado com uma protestante. Isso foi também um ponto de partida da crítica que se fazia (contra a missão), que não eram representantes do catolicismo, que não eram católicos praticantes.

I — Ah, isso era um ponto de crítica?

RB — Não sei, talvez do ponto de vista da Universidade católica, Dizia-se também na época que nós éramos socialistas, ou comunistas, porque se fazia muita confusão entre sociologia e socialismo, e um sociólogo era um socialista, porque sociólogo. E se tinha muito medo disso. Além disso, Lévi-Strauss (agora vocês criticam muito Lévi-Strauss dizendo que ele é o maior representante da ciência burguesa na França) na época era considerado muito perigoso porque ele era socialista, ligado ao movimento da Frente Popular.

I — Ah, isso é interessante, eu não sabia...

RB — Acho que foi bom funcionário; mas escreveu artigos, fez discursos no momento da Frente Popular dentro de *O Estado*, cobrando de Mesquita o fato de ter feito ataques no jornal contra a Frente Popular. *O Estado* foi contra a Frente Popular, e Lévi-Strauss se zangou, se irritou. Não houve briga, mas houve uma separação. E quando ele foi fazer sua pesquisa entre os índios, pediram-me para tomar seu lugar. Eu não sabia disso, porque estava longe do Brasil, e aceitei. E depois soube, muito bem, que fui chamado porque algumas pessoas não desejavam que Lévi-Strauss voltasse à Faculdade.

I — Ah, é? Quer dizer que a saída dele foi realmente... preparada...

RB — Foi. Porque senão, em lugar de me dar um contrato de três anos, eu teria um por um ano, apenas durante a pesquisa de Lévi-Strauss entre os índios. A pesquisa durava um ano e depois disso eu poderia voltar. Fui muito mal recebido aqui no Brasil pelos professores franceses, menos Arbousse, que era muito ligado a Mesquita; fui muito mal recebido por Monbeig e outros. E muito mal recebido pelos alunos, muito mal.

I — Ah, é?

RB — Eu fiz, como se faz na França, uma pequena reunião, convidando meus alunos para um chá, uns doces... E nenhum apareceu...

I — Quer dizer, o senhor ficou mesmo visto como...

RB — Mas eu não sabia de nada. Foi só depois de muito tempo, muitos meses depois, quando me perguntei: "por que eu fui mal recebido?". Vim aqui com desejo de trabalhar, e encontrei uma...

I — Na história que a gente conhece, o que aparece contra os professores estrangeiros, está ligado ao fato de que eles vinham tomar o lugar dos professores brasileiros.

RB — Eu sou muito amigo de Lévi-Strauss, sou muito, muito amigo. Porque Lévi-Strauss sabe muito bem que eu não vim aqui para tomar seu lugar. Mas o resultado de tudo isso é que me impediram de fazer pesquisa; só durante as férias. E até mesmo durante as férias, o contrato estipulava que não se podia sair muito longe de São Paulo. E sempre dando meu endereço. Porque se, durante as férias, a Faculdade precisasse de mim para dar aulas no cursinho da Faculdade, por exemplo, era obrigado a deixar as férias, para voltar a São Paulo.

I — Quer dizer, nos primeiros anos...

RB — E isso era dirigido contra o Lévi-Strauss.

I — E o senhor...

RB — Mas como os brasileiros são muito gentis, sempre disse, tudo se arranja aqui no Brasil. Através da amabilidade, do homem cordial, como disse Buarque de Hollanda. Só uma vez fui chamado, porque os assistentes não desejavam dar o cursinho, e desejavam tomar banho nas praias... só uma vez. (Risadas) Uma outra vez... eu fui impedido de sair de São Paulo, para ir ao Nordeste fazer minha pesquisa, na Bahia. Acabaram por deixar que eu fosse; deixava o endereço se se precisasse de alguma coisa. Fariam todo o possível para eu poder ficar dois meses ou três meses de férias fazendo minha pesquisa... Mas o resultado é que podia conhecer bem um candomblé durante os três meses de férias. As cerimônias que ocorriam nos meses onde não havia férias na Faculdade eu não pude conhecer.

I — Nesses primeiros anos o senhor conseguiu fazer pesquisa, apesar de tudo?

RB — Não. Nos primeiros anos, em primeiro lugar havia a guerra; a França invadida, eu não fiz pesquisa... me encontrava muito triste, não fiz pesquisa. Só comecei a fazer pesquisa em 44; comecei em 44.

I — Mas orientava pesquisas dos assistentes...

RB — Sim, todos os meus assistentes estavam fazendo pesquisas aqui, pesquisas muito boas.

I — Agora, sobre o Departamento de Cultura de São Paulo. O senhor ouviu falar alguma coisa quando chegou? O Departamento de Cultura acabou em 38...

RB — A senhora não viu Paulo Duarte? Precisa falar com ele em primeiro lugar, e depois ler seu último livro. A senhora tem o seu último livro? Fala da crise da Prefeitura... Quando eu cheguei aqui em 38, Mário de Andrade era ainda chefe do Departamento da Cultura, e fui uma vez ou duas me encontrar com ele no centro de etnologia. Mas pouco tempo depois houve uma mudança na Prefeitura, Mário de Andrade desapareceu.

I — Pois é, foi...

RB. — Mas eu continuei vendo os amigos de Mário de Andrade, que eram Oneida Alvarenga, música popular, Luiz Saia no Departamento de História, monumentos históricos, e outros. A obra de Mário de Andrade continuou fora da Prefeitura; não institucionalizada. Mas seus amigos continuaram lá e fizeram um bom trabalho.

I — Uma coisa que eu nunca entendi é por que Mário de Andrade não foi incorporado à Universidade de São Paulo.

RB — Não foi incorporado porque ele não quis. Quando Lavinia fez seu doutoramento, era uma tese sobre folclore, pedi a Mário de Andrade, ainda tenho a carta na França, pedi a Mário de Andrade para ser membro do júri, ele me disse: "Não, eu sou um amador". Era um homem de uma consciência intelectual muito grande. Eu, que não era um especialista em folclore do Brasil, fui obrigado a presidir a banca examinadora em lugar de Mário de Andrade. Mas ele não quis; ele não desejava ensinar.

I — É, porque quando eu fiz a entrevista...

RB — Eu gosto muito do Mário de Andrade; não o conheci muito porque ele foi para o Rio, na época, e quando ele voltou para São Paulo, foi para morrer. Encontrei com ele alguns dias antes de sua morte, muito doente. Mas era um homem de uma autenticidade humana extraordinária. E sempre dizendo: "eu não sou um cientista, sou um amador do folclore, sou um músico, sou um músico".

I — Pois é, eu estou pensando isso por dois motivos: porque o Departamento de Cultura foi criado na mesma época da Universidade, em 34, e seria importante saber se havia relações entre as duas



instituições; por outro lado, quando fiz uma entrevista com Fernando de Azevedo, ele revelou uma grande antipatia por Mário de Andrade. Então eu não sabia se isso expressava uma certa postura da Faculdade de Filosofia, ou se era realmente uma idiossincrasia pessoal dele. Parece que era... ele não considerava Mário de Andrade como um intelectual...

RB — A ligação talvez tenha sido mais forte entre Lévi-Strauss e o Departamento de Cultura, do que entre a Faculdade e o Departamento de Cultura. Porque Lévi-Strauss chegou aqui, mais como antropólogo, não como sociólogo.

FF — Mas o pessoal da Faculdade gostava dele. A revista *Clima* contava com a colaboração do Mário, mas... eles adoravam o Mário.

RB — Foi muito melhor para Mário...

I — Não entrar...

RB — Não entrar na Faculdade.

FF — Ele era professor do Conservatório Dramático.

I — Mas eu queria saber, se era uma idiossincrasia pessoal de Fernando de Azevedo em relação a Mário de Andrade mesmo, ou se não era...

RB — Foi muito melhor para ele... senão, acabaria como professor — seria muito triste para Mário de Andrade ser professor. Foi muito melhor que tivesse ficado com seus problemas, com suas idéias, com sua poesia. É difícil ser professor e poeta, não acha?

I — É...

RB — A menos que a senhora escreva sua tese em versos...  
(Risadas)

I — Havia alguma relação da Faculdade com a Escola de Sociologia e Política? Algum contato entre os professores de lá e os que vieram para a Universidade de São Paulo?

RB — Quando eu cheguei aqui, São Paulo era uma pequena cidade. Gostava muito de São Paulo e com toda a sinceridade, não gosto da São Paulo de hoje. Os intelectuais estavam sempre juntos, nos cafés, nos bares. Eu encontrava todos os dias, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, na Biblioteca Municipal. Sempre havia um lugar onde os poetas, os escritores pudessem se encontrar, discutir, conversar. Era uma época dourada. Na época, a senhora não deve ter conhecido, porque era uma criança, havia almoços, acho que mensais, no Hotel Terminus — Duarte conta isso em seu livro. Fomos muito bem recebidos pelos artistas, escritores, e encontrávamos os franceses e alguns italianos, no Hotel Terminus. Foi lá que co-

nheci Oswald de Andrade, Sérgio Milliet... Foi lá que começou uma grande amizade entre nós. Uma amizade muito grande.

I — Mas, com o pessoal da Sociologia e Política, da Escola de Sociologia e Política, havia algum contato?

RB — Bom... eu tentei, porque não gosto de briga entre cientistas... Tentei estabelecer uma ligação mais harmoniosa. Perguntei aos meus alunos se eles desejavam fazer ao mesmo tempo os cursos da Faculdade e da Escola de Sociologia. Acho que o senhor fez os cursos ao mesmo tempo (referindo-se a Florestan Fernandes). Talvez Mesquita não gostasse, mas eu achava útil que os alunos tivessem na Faculdade de Filosofia um ensino mais europeu, e na Escola de Sociologia um ensino mais norte-americano... Até houve uma ligação muito estreita com o adido cultural dos Estados Unidos. Com a guerra era impossível dar bolsas aos estudantes daqui, para fazerem estágio na Europa. Eu pedia então, sempre, bolsas para os estudantes irem trabalhar, um ou dois anos nos Estados Unidos, uma vez terminada a licença em sociologia, em ciências sociais. Felizmente, o adido cultural da época — chamava-se Smith, acho — era filho de franceses e a mulher tinha ascendência francesa. Como na guerra houve muita ligação entre Estados Unidos e França, não havia dificuldade. Fiz todo o possível para que as relações fossem harmoniosas.

I — Era bem perceptível a diferença entre os objetivos da Escola de Sociologia e Política e da Faculdade de Filosofia da USP?

RB — Sim, elas eram muito diferentes.

I — Pergunto isso porque os objetivos da criação das duas escolas eram muito diferentes.

RB — Perspectivas bem diferentes. Na época, a Escola de Sociologia e Política era bem norte-americana. Lá estava Pierson. Não quero fazer críticas ao Pierson, mas fui sempre muito distante dele. Acho que a sociologia que fazia era um pouco primária. Mas era um bom rapaz, o Pierson. Gostava muito dos estudantes, gostava muito do Brasil, e no domínio da pesquisa ele era muito bom. Eu não tinha na Faculdade possibilidade de fazer pesquisa, porque as verbas não eram suficientes. Na Escola de Sociologia tinha muito mais verbas para fazer pesquisa. Tentei desenvolver o gosto pela pesquisa nos estudantes. Mas não me era possível sair com eles, ir ao interior fazer pesquisa... Só de vez em quando passava dois dias com eles no interior, ou no sul. Não havia verbas. Era muito bom para os estudantes fazer dois cursos diferentes... Agora tudo mudou, porque a sociologia norte-americana é muito crítica, tem agora espírito crí-

tico. Mas na época não era assim. Era mais ou menos uma série de conceitos, de teoria a aplicar... Mas Pierson era muito honesto. Fez uma pesquisa sobre ecologia aqui em São Paulo aplicando as idéias da Escola de Chicago. Ele me disse: "mas São Paulo não é Chicago". Depois de um ano de estudo, ele disse: "não é possível fazer uma pesquisa sobre ecologia do tipo da de Chicago".

I — Quando foi criada a Escola de Sociologia e Política, Simonsen, em seu discurso, no dia da fundação da Escola enfatizava o objetivo da formação de elites profissionalizantes, de elites industrializantes. Quando o senhor chegou, isso era perceptível?

RB — Era uma escola, como a Escola Politécnica, mas no domínio da política, da economia... Mas não se pode dizer que na vida não haja exceções, porque na Escola de Sociologia houve alguma mudança. Eu era muito amigo de Radcliffe-Brown que estava na Escola e fazia uma sociologia durkheimiana. Mas ele não ensinava a sociologia durkheimiana, porque não desejava, pode-se dizer, fazer propaganda da sociologia francesa.

I — O senhor tinha bastante aproximação com Júlio de Mesquita Filho, naquela época?

RB — Eu me encontrava muito, muito com ele.

I — E nessas conversas o senhor não ouvia um pouco o que ocorria nos bastidores?

RB — Era sempre convidado... A casa dele era fechada — os paulistas são fechados. Ele convidava os professores franceses, seja para irem a Louveira — ele tinha uma fazenda em Louveira, seja... Mas em geral era só na fazenda. Todos os professores iam passar um dia com ele... E depois, à noite, muitas vezes, eu, Arbousse e outros, íamos ao *O Estado de S. Paulo*. Lá passávamos horas e horas. Não havia assaltantes, era possível sair à noite, em São Paulo. *O Estado de S. Paulo* era um lugar também de encontro. Não todas as noites, mas uma, duas vezes na semana, algumas vezes mais, a gente passava lá para discutir com Mesquita a Faculdade. Eu me lembro só de algumas discussões, Mesquita era muito nacionalista, como todo brasileiro é nacionalista. Era muito nacionalista. Tivemos uma imensa discussão para saber se a sífilis era de origem norte-americana, ou se os franceses é que tinham trazido a sífilis... (risadas) para o Brasil. Para ele era evidente que os franceses é que a trouxeram. Agora, as discussões políticas não me interessavam. Eu não queria. Tanta gente não deseja, não se interessa. Mas isso eu posso afirmar: a Faculdade era obra de Mesquita e toda crítica que se

fazia a ela, mesmo se eram críticas ideologicamente perto de suas idéias, eram para ele uma ofensa pessoal.

I — Aliás, até hoje, os editoriais do Estadão expressam isso...

RB — Mas ele fez a Faculdade a partir de uma idéia, que me parece certa: além da escola profissional, no Brasil, da escola técnica, era preciso criar uma inteligência fora da profissão. Para pensar o Brasil.

I — Isso é interessante. Em 1925, quando Júlio de Mesquita Filho escreve seu livro *A Crise Nacional* e em 1926, quando Fernando de Azevedo organiza o Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo, o objetivo fundamental da Universidade que deveria ser criada era a formação de elites políticas. Não se tratava apenas de uma *intelligentsia* para pensar o Brasil, mas fundamentalmente de elites políticas dirigentes.

RB — Isso é um movimento geral, e tem ligação com a entrada da classe média na Faculdade. Anteriormente a elite intelectual era ligada à elite política. E esta elite era formada nas Faculdades de Direito. Mesquita talvez tivesse a intenção de criar uma elite intelectual diferente da elite jurídica, que pensasse não só através das constituições, das leis, mas que pensasse com um pouco mais de liberdade de espírito. E depois, como eu disse à senhora, havia a questão da formação de professores secundários pela Faculdade. Na época tinha gente que dizia: "precisa, em primeiro lugar, reformar o ensino primário, depois o secundário, e o superior só no fim". E a idéia de Mesquita era o contrário: dever-se-ia formar um professorado muito melhor, dentro da Universidade, tendo em vista o ensino secundário. Isto quer dizer uma revolução dentro do ensino secundário, nas escolas normais (porque a sociologia era ensinada na Escola Normal). Poder-se-ia fazer uma melhor escola primária. O conflito foi entre duas correntes contrárias. Eu, pessoalmente, gosto muito dos professores primários do Brasil. Não sei como seria agora... Infelizmente ainda não existe um livro (eu não sou brasileiro, não posso escrever este livro) de apologia do pequeno professor primário do interior, que vive uma vida muito apertada economicamente. Mas é ele que está fazendo o Brasil de amanhã, muito mais que nós. Gostei, por exemplo, quando fui ao Rio Grande do Sul e vi uma professora primária negra, que ensinava numa colônia alemã, fazendo nessa pequena vila alemã, um brasileiro. Eu achei isso muito bonito. Uma negra no Brasil, que não ganha muito dinheiro, obrigada a ir ao trabalho, da aldeia em que morava até a sua escola, fazendo quilômetros a cavalo, transformava essa vida alemã em bra-



sileira. Isso havia em todo lugar. Se a senhora sabe escrever bem o português, precisa fazer um livro sobre essas tristezas...

FF — Tem dois, o do Luís Pereira, *O Magistério numa Sociedade de Classes*, e o da Aparecida Joly Gouveia, *As Professoras de Amanhã*. Tem dois livros.

RB — É bonito o professor primário...

FF — Só que sem fazer apologia. É mais uma descrição. Os sociólogos são muitos secos.

RB — Infelizmente um livro de ciência não se vende. Ou, se vende, apenas mil, dois mil exemplares. Só para um pequeno grupo de intelectuais. Precisaria escrever um livro que fosse como os romances de Jorge Amado, com cem mil, duzentos mil exemplares. Talvez isso pudesse levar o Governo a ter a idéia de dar um vencimento um pouco maior a este professor primário. Bom, agora vamos desligar.